

Poeira pueril

Caroline Marinho



Poeira pueril



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor

Valdiney Veloso Gouveia

Vice-Reitora

Liana Filgueira Albuquerque



EDITORA UFPB

Diretor Geral da Editora UFPB

Natanael Antonio dos Santos

Coordenador do Setor de Administração

Everton Silva do Nascimento

Coordenador do Setor de Editoração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos

Conselho editorial

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)

José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)

Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)

Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)

Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)

Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)

Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)

Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à:



Caroline Marinho

Poeira pueril

Editora UFPB
João Pessoa
2023

Direitos autorais 2023 – Editora UFPB

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À EDITORA UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O conteúdo desta publicação, seu teor, sua revisão e sua normalização são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Projeto gráfico
Editoração eletrônica
e design de capa

Editora UFPB

Ana Gabriella Carvalho

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M337j Marinho, Caroline.
Poeira pueril. [recurso eletrônico] / Caroline Marinho. - Dados eletrônicos - João Pessoa : Editora UFPB, 2023.

E-book.

Modo de acesso : <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
ISBN 978-65-5942-231-9

1. Poema. 2. Adolescente e poesia. 3. Coletânea poética - Poeira pueril. I. Marinho, Caroline. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1

EDITORA UFPB

Cidade Universitária, Campus I,
Prédio da editora Universitária, s/n
João Pessoa - PB
CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br>

E-mail: editora@ufpb.br

Fone: (83) 3216.7147

Aos jovens leitores, professores
e amantes da poesia.

Prefácio

Coisa de adolescente? Sim, poesia também é coisa de adolescente. Prova disso é o conjunto de poemas reunidos neste *Poeira pueril*. Aqui há palavras saídas do interior de um jovem e amador eu lírico – que habita no interior de todo adulto disposto a observar a si mesmo com atenção –, por isso, o livro se chama “Poeira pueril”.

Não se trata necessariamente de um livro para adolescentes, mas de uma coletânea escrita ao longo de uma adolescência, que carrega em si a visão de mundo e também a idealização de mundo de um ponto de vista juvenil. Isso significa que, a partir desta leitura, pode haver identificação, rememoração ou simplesmente prazer poético: isso é para qualquer um disposto a qualquer uma dessas coisas.

Além do mais, os versos que preenchem estas folhas também são prova do potencial que a imersão poética tem na vida de todas as pessoas, mesmo nas das jovens. Tais versos são, acima de tudo, um convite ao mergulho em si, à descoberta da poesia ou, simplesmente, à recordação dessa descoberta.

C. M.

Sumário

LÍRICO, Eu	10
Parafraçando o Criador	11
Visão	12
Pedaço do céu	13
A procura dentro da noite	14
Vão-se	15
Crípton	16
Porto	17
Eu tripulante de mim	18
A eficiência do olhar	19
Os pontos	20
Com saúde não se brinca	21
(Calo)sidades	22
Estima	23
Rota	24
Terraplanagem	25
Dia slow motion	26
Incerto	27
Persuasão	28

Quase	29
Aspiração	30
Ao revés	31
Há poesia em toda eu	32
In(finito)	33
Paixão: figura de linguagem	34
Copo d'água	35
I say: eu não sei (no more)	36
Lembrança	37
Pretérito Imperfeito	38
Metafísica I	39
Metafísica II	41
Metafísica III	42
Amnésia intencional	43
Sépia	44
Passou, passarinho	45
Mensagem nas ondas	46
Saudade	47
Blefe	48

Máquina do tempo I	49
Máquina do tempo II	50
Máquina do tempo III	51
Máquina do tempo IV	52
Aviador	53
Tu TV	54
Filme	55
Marinheiro	56
Tela	57
Homem-da-lua	58
Segunda-feira	59
Fotografia	60
Ciclos	61
Divino recado	62
Cruzeiro do sul	63
Outra pedra no meio do caminho	64
O livro dos poentes	65
Sobre a autora	66

LÍRICO, Eu

A poesia nos expõe,
Nos expande,
Nos propõe
Um salto grande,
Um pulo não calculado
Num abismo sem fundo.
E no escuro, calado,
O peito do poeta desgraçado
Tem na carne crua
Um poema gravado,
Sempre que a noite nua
Sem estrelas,
Sem lua,
Quebra as tramas
Das portas do eu lírico.

Parafraseando o Criador

Um mar profundo cheio de nada...

Foi aí que eu disse:

“Que dessa água

Surja poesia”.

E a poesia começou

A existir,

Assim,

Do nada.

Visão

Às vezes, a lente

Vê de lado e não de frente.

Às vezes, o olho

Vê somente

Aquilo que quer

E qualquer

Imagem avessa ao seu deleite

O faz chorar pelo leite

Derramado.

Às vezes, o olho está com mau-olhado.

Pedaço do céu

O céu

Desabou

Na água,

Desbotou,

Se fundiu.

Agora o anil

Está aqui embaixo.

No alto sobrou o cinza,

O azul desaguou no chão,

É por isso que em minha mão

Escorre um pedaço do imenso céu.

A procura dentro da noite

Eu nem cheguei a dormir,
Mas vi o cantar dos pássaros
Quando o dia veio raiando,
As nuvens feito lábaros,
O sol discreto, mas já iluminando.

Abri a janela novamente
E vi o dia crescendo,
Clareando, clareando calmamente...
Ao revés de mim – quase adormecendo.

Não sabia ao certo
A razão daquele dia,
Não sabia se era correto
Sentir tanta agonia
Ao ver o despontar de uma manhã.

Nada achei naquela noite perdida,
Contudo, confesso:
Apesar de aturdida,
Não busco regresso.

Por fim,
Espero anoitecer
Para ver as estrelas
E quem sabe adormecer.

Vão-se

Para onde vão os barcos
Que se perdem na linha do horizonte?
Para onde vai o azul celeste
Depois que anoitece?
Para onde vai o momento
Depois que acontece?
Para onde vão
Todas as coisas,
Senão
Para sempre?

Cripton

Desses corações magmáticos
De batucados esotéricos
Emana algo além de vapor,
Trépido calor,
Plutônio
E criptônio?
Talvez,
Mas com certeza
(Eu tenho dessa vez)
E vou dizer com clareza:
Esse tipo de coração consome
Muito oxigênio,
Pois todo ar some
Quando, como um gênio
Liberto da lâmpada, voa até o alto,
De apenas um salto,
Pula do peito
E emerge pela boca.
Poetas, com todo respeito...
Essa erupção se chama poema.

Porto

Acordei querendo rimar,
Querendo te falar
Todo meu querer.
Hoje, quando acordei
Feito o mar de ressaca,
Não deixei de perceber
Que te ancorei nesse meu cais
(Que nem sempre é calmaria
Mas é atento aos sinais
E resistente à maresia).
Quando à deriva se sentir,
Meu farol vai te indicar
A rota do porvir.
Espero aqui todo dia
E, mesmo se forte chover,
Não temo a ventania.
Eu só me interesso em ter
Teu barco aportado na minha poesia.

Eu tripulante de mim

De uma gota,
Eu fiz oceano imenso;
De uma garoa,
Eu fiz tempestade;
Da minha alma rota
Eu fiz sair incenso;
De cima da proa,
Eu vi a profundidade.

Meu caos
Eu mesma provoco,
Minha frota de naus
Eu mesma convoco.

Minha tripulação
Não precisa de marujos na banca,
Não há espaço na embarcação;
Sou tantas, sou tanta.

A eficiência do olhar

Olhares transmitem
Mensagens inconscientes.
As bocas mentem,
Mas olhares são eficientes
No quesito verdade,
No quesito vontade.

Olhos matam,
Olhos devoram,
Olhos decoram
Frases longas,
Impossíveis de dizer
E até que não podem ser ditas:
Segredos,
Medos.
Quando olhares atentos
Que se conhecem
Há tempos
Se encontram, parecem
Conversar coisas
Que nem mesmo
A mais prolixa das bocas
Ousa balbuciar.

Os pontos

O ponto de partida,
O ponto de vista,
A ida...
A sua visita
Deixou a pia
Cheia de xícaras
E de sorrisos
Em nossas caras.
O ponto de fuga,
O ponto de desempate...
E esse combate
Nós perdemos,
Mas também ganhamos
Histórias,
Memórias.
Quando nos despedimos,
Meu peito até ficou apertado,
Mas decidimos
E ficou acertado
O ponto crucial:
Não precisa se desculpar por nada,
Apenas obrigada
E ponto final.

Com saúde não se brinca

O desejo do desejo,
Lampejo,
A vontade de despir
O coração,
Sentir é uma decisão?
Se for, eu decido!
Porque "qualquer amor
Já é um pouquinho de saúde".
Está decidido!
(Poeta é médico em amiúde)

(Calo)sidades

Já disse bobagens,
Já calei verdades,
Às vezes ainda calo.
Carrego muitos calos.

Estima

Se olha no espelho,
Se enxerga,
Segue meu conselho:
Atenta para o mundo
Que cabe aí dentro,
Bem no fundo,
Bem no centro
De você.

Se precisar eu vou dizer
Um milhão de vezes
Que meus olhos
Veem lindas matizes
De cores nos universos
Típicos desse par de castanho-caos.
Eles não podem ser expressados
Nem mesmo em centenas
De milhares de versos.

Rota

Notei que as evidências
Me levam a tua rota,
Mas os caminhos não têm placas,
Não sei onde eles vão terminar.
Eu lá sigo outros mapas,
Além daqueles que a vida
Tem para me dar?

Terraplanagem

Somos terra fértil
Aguada pelas chuvas
Que escorrem do olhar.
Produzimos doces frutas,
Mas só depois que a água
Salgada nos molhar.

Somos terra fértil:
De cada ferimento
Pode uma flor nascer
E todo sofrimento
É uma oportunidade de florescer.

Somos terra fértil:
O arado nos tortura,
Mas essa lavradura
Será responsável pela espécie
Mais deliciosa de verdura.

Somos terra fértil:
A mão do lavrador
É por vezes dura,
Permite a dor
Para depois nos dar a sua cura.

Dia slow motion

Hoje o dia não quis ir embora...
Anoiteceu e o céu parecia plácido,
Com um azul que só vejo agora,
Ele quis permanecer ávido.
Uma quase eficiente tentativa
Da natureza complacente
E da claridade agora furtiva
De me oferecer mais tempo no presente,
Para que meu aflito âmagô
Faça contrato com minha mente.
Até os astros se compadecem
De minha constante hesitação
E suas brilhantes luzes me oferecem,
Mas não me trazem conclusão.

Incerto

Meu coração é deserto,
Roteiro desconhecido,
Caminho incerto,
Tesouro perdido;

É navio naufragado,
Viagem sem destino,
Mapa rasgado,
Fronteira sem domínio;

É terra que ninguém pisa,
É chuva de verão,
Uma leve brisa,
É só meu
Meu coração.

Persuasão

Quebraste minhas certezas,
Adiaste o que há muito já se adia,
Mudaste o rumo de minhas correntezas,
Levaste tudo e não só uma fatia.

Fui cada vez mais adiante...
De repente, vi-me à beira do precipício
Aberto por qualquer som se cante,
Sendo engolida por ele, sem deixar resquício.

Agora, sou embarcação à deriva
No meio de uma tempestade,
Esperando por um resgate que me sirva
E deixando todas as certezas para mais tarde.

Quase

Ainda não era amor
E não há culpado da dor
De não ter sido.
É que é muito fácil sonhar
Depois de se ter dormido.

Então, já não há o que fazer
Além de ter bravura
E compreender
Que é normal
A vida te reduzir
Ao papel de amador.
Que é normal
Inventar uma realidade,
Capaz de convencer a si e ao espectador
Da autenticidade
De um amor que ainda não foi.

Aspiração

Sempre achei a razão
O terreno mais seguro,
Mas meu coração
É poeta prematuro;
Insiste em querer ditar
O que é certo,
Em gritar
Que gosta do incerto;
Prefere a solidão do deserto
À imensidão do mar;
Insiste em rimar
As coisas que ouviu,
As coisas que sentiu,
Com tudo aquilo
Que, na realidade, nunca existiu.

Ao revés

Hoje eu descobri
Que meu lado certo
É às avessas.
Pareço até ter sido criada às pressas
E que esqueceram de me “desavessar”.
Agora minha melhor parte
Fica no interior escondida,
É preciso fechar os olhos para ver,
Tem que ser decifrada
Para ser entendida.

Há poesia em toda eu

Corre poesia em minhas veias,
Em minhas retinas, folículos, lábios e cortinas.
Há mais em meu peito,
Pranto e leito.
Há ainda em meus pulmões
E em meus corações
(Que fora um, mas outrora repartido,
Já são mil).

Há poesia até em minhas entranhas,
Lágrimas e manias estranhas.
Há tanta poesia em mim, que suspeito
Ser um verso, meio assim...
Do avesso.
Também há uma certa poesia em meu riso,
No jeito como piso e em meu rosto liso.

Há um pouco em minhas lembranças,
Sonhos e esperanças.
Há poesia em meus cabelos sempre bagunçados
E nos medos em mim cravados.
Pareço uma sinfonia,
Pareço tanta coisa...
Mas, na verdade, eu sou toda poesia.

In(finito)

Numa noite dessa,
O infinito eu visitei.
Eu não tinha pressa,
Eu nem sequer hesitei.

Cheguei na hora.
Ele me esperava ansioso,
Posto pela porta afora,
Sorridente e pretensioso.

“Qual sua duração?”
Curiosa, perguntei.
“Menos de uma fração.”
Ele disse, eu não acreditei.

O infinito era pouco.
Eu entendi, sim,
Que somente um louco
Não espera pelo fim.

Paixão: figura de linguagem

Fazer bem de repente
Parece eufemismo,
Parece somente
Excesso de romantismo
De alguém que leu demais,
De alguém que teve sonhos a mais,
Uma hipérbole desarrazoada,
Mera figura de linguagem,
Palavras sem coragem,
Uma exageração feita pelo subconsciente.
Eis o X da questão:
Sonhar demasiadamente
Em vez de ouvir a razão?

Copo d'água

Copo meio cheio
Ou copo meio vazio
Não faz diferença,
Meio sempre é meio.
Quero completo mesmo que tardio.

Gosto das tempestades
Feitas em copo d'água.
Nem meios copos,
Nem meias verdades,
Dispenso a ambos.
Obrigada.

I say: eu não sei (no more)

Que sabor tinham
As tuas lágrimas?
Eu não sei,
Mas as minhas palavras
Eram amargas.
I said:
Good bye,
I'm so sorry.
Se misturo os idiomas,
Imagine as coisas...
Já não sinto os sintomas,
Se você ainda sente
Ao menos
Vê se mente:
I'm very well.

Lembrança

Durmo mais tarde,
Mais cedo deixo o cobertor.
É que a lembrança faz alarde,
É insônia e despertador.

Pretérito Imperfeito

Estava eu

No breu,

Submerso no pretérito.

Com tal apuro

Vestia de veludo

De seda, de tudo,

O corpo franzino

Do pretérito imperfeito.

Ah, que desatino!

Eu o enxergava sem defeito.

Metafísica I

Toda manhã
Ao pisar no chão,
De mente sã,
Eu digo “não...
Não estou só
Nos meus medos,
No meu negacear,
Nos meus anseios,
No meu fraquejar”.

“Não estou só
Em minha humanidade,
Em minha negligência,
Em minha pseudo-inteligência
Incapaz de compreender
O que tenta explicar a ciência.
O que é ser, para que ser”...

Eu só sei que não estou só,
Nem mesmo em minha fragilidade
Amarga,
Salgada como o suor.
Sei porque veio alguém,
Instalou-se alguém
E me fez entender
O que eu devo ser
Para me ver completa,

Para me ver repleta
De razão de viver.

Foi alto o preço pago
Para me libertar
Da prisão que era o meu eu.
Foi muito o que Ele me deu,
Me deu tudo
E hoje eu escuto
Como muita atenção
As suas palavras
Que falam ao meu coração
Dizendo “você não está sozinha,
Olha para cima e caminha”.

Metafísica II

As lágrimas sem razões
Formam um mar de água salgada
E, quando já falta
O ar necessário em meus pulmões,
Um fôlego começa a surgir.
Me pergunto como é possível
Diante da morte a vida insurgir,
Duvidar do inteligível,
Se afogar só e ainda sentir
Uma presença,
Um socorro pontual
Quando não há esperança
E apenas o medo é fatural.

Ainda não sei nadar,
Mas, quando o mar me cobrir,
Eu sei quem pode me salvar
E me fazer do mais profundo emergir.
Eu sei quem pode
Me deixar à beira-mar,
Tornando irresistível
A vontade de respirar
O sopro de vida invisível.
O meu salvador
Sempre me sopra
Algo que Ele tem de sobra.
Parece ar, mas é amor.

Metafísica III

Eu acredito no céu.
Ele é muito mais
Do que uma abóbada
Azul demais.
Isso não é o céu de verdade,
Isso é só uma realidade
Puramente humana,
Puramente terrena
E a terra não é o céu.
Isso que vemos é só um véu
Que premedita O Sublime.
O céu é um estado de espírito,
É um estilo
De vida,
O céu é para quem acredita.
É para quem cogita
Sobre a elevação,
Sobre a vastidão
De tal lugar,
Que só é céu
Porque é casa do dono,
Por causa do trono.
Os corações
Podem ser casas,
Celestiais mansões.

Amnésia intencional

Esquecimento

É o batucar,

É o lamento

A calar

A voz das memórias

Que, inevitavelmente,

Se tornam discos cheios de histórias

Largados no porão da mente.

Sépia

Na mesa de cabeceira
Do meu coração,
Guardo velhas memórias
Já em tom envelhecido
- cor de tenra vida.

Magicamente, todas
Essas reminiscências
Cabem numa única
E singela gaveta
Banhada em sépia.

Os álbuns de fotografias,
As cartas de amigos,
Os laços de presentes
E todo tipo de pesada miudeza
Não se submetem às leis físicas,
Apenas às leis de suas
Próprias e imutáveis existências.

Passou, passarinho

Depois que passou
O vendaval,
O que achei nos entulhos me impressionou,
No entanto, não me fez mal.
Por acaso,
Achei teu retrato
Que, por descaso,
Deixei guardado.
A ti já deixei pelo caminho,
Mas tua foto, Passarinho,
Aqui se escondeu
E como quem liberta
O que alguém prendeu,
A soltei pela janela aberta.
Tu voaste
Em tua liberdade,
Enfim foste
Passarinho de verdade.

Mensagem nas ondas

Te envio essa mensagem como quem
Está em outro continente,
Tentando contatar alguém
Do outro lado do mar intransigente.

Uma garrafa às ondas lanço
Na certeza de que chegará a ti.
Mantenho o coração manso,
Pois sei que lerás o que escrevi.

Sei que não há nada de novo
E que sob o sol tudo já foi dito,
Mas te envio um raio de renovo
Para reafirmar meu veredito:
Nem toda água do pacífico
Pode preencher o espaço específico
Que no meu peito ocupas.
E as palavras repetidas: desculpas?

Saudade

Finca em mim teus olhos,
Me transpassa com tua visão
De raio laser cortante
Que me deixa sem opção:
Só sei ser alvo constante
Dos dois dardos de retina.
Aqui com essa cortina
Eu não vejo a luz entrar,
De tão longe assim
Não consigo te enxergar.
Sobra em mim
Teu vulto, resquício de presença.

A saudade não sabe pedir licença.

Blefe

O resto da vida inteira
De segundas chances.
Minha pontaria é certa:
Todos os lances
À milhas do alvo.

Todas as noites para me arrepender
Das vezes que joguei
Sabendo que iria perder.
Usei cartas repetidas,
Dados viciados,
Dei a partida
Sem me importar com os resultados.

Sei que foram muitas fichas apostadas,
Mas o que mais eu deveria fazer
Com tantas fichas guardadas?

Máquina do tempo I

Mas que ideia absurda

É essa de voltar no tempo?

Ora, que bobagem...

Avante!

A todo momento

Algum tempo

Vira passado.

Máquina do tempo II

Do tempo viajante:

Passado, futuro

Presente...

Seria tudo um tiro no escuro

Ou peregrinação insistente?

Pois quando chego ao futuro,

É ele ainda presente.

Máquina do tempo III

O relógio não me enterra,
Mas me afoga,
Me confunde, me aterra.
Eu sei que não está em voga
Essa coisa de se angustiar com o tempo,
Que não cessa de passar,
Nem de pôr na conta mais um minuto
Mais outro segundo...

O ponteiro dá a partida,
Vai e volta
Para o mesmo lugar.
Reviravolta,
O tempo não cessa de recomeçar.

Máquina do tempo IV

O mesmo sol sobre
Nossas cabeças
O mesmo céu cobre
Nossas vidas.
"Um ontem no hoje"
Frase de todo dia
E o relógio parece que adia
O percurso dos ponteiros.
Acordo sem saber se dormi...
Os calendários continuam inteiros,
Mas agora é difícil distinguir
O que estou vivendo hoje
Do que ontem eu vivi.

Aviador

Ele voa
Com os pés no chão.
Sem canoa
Ele navega na imensidão,
Nas ondas dos ares.
A milhares
De metros ele está,
Quase inalcançável,
Tão difícil de tocar.
Daqui do chão,
Observo enquanto ele viaja
E minha imaginação
Indaga:
No aviador
Havia dor?
Havia amor?
Ou qualquer outro algo
Que o impulsionasse
A voar tão alto?
Se ele quisesse,
Eu seria nuvem.

Tu TV

Eu, que não gosto
De televisão,
No seu rosto
Presto atenção
Como se fosse tela,
Em que eu assistiria
Até novela
Todo santo dia.

Filme

Um milhão de cenas
Se reproduzindo
Na velocidade da luz
Em minha mente,
Quando, de repente:
Uma explosão!
O grito abafado pelo travesseiro,
Reação desesperada de quem não
Quer mais rever o próprio roteiro.

Marinheiro

Ele, bravo navegador, se lançou
Ao mar sem saber que terras
Iria encontrar. Não hesitou
Diante das possíveis tormentas.

Hoje na concha das mãos guarda
O sal que recolheu em seus mergulhos,
Os seixos que apanhou na orla
Sob os ondulados e espumantes barulhos.

Ele, navegador solitário,
No mar se despeja constantemente.
Assim, se torna habitante necessário,
Se torna marinheiro perpetuamente
(Não descobriu novas terras,
Mas encontrou nas ondas
Repouso).

Tela

Impresso na pele,
Na epiderme
Gravado,
Tatuado no miocárdio.

A pintura
Que deixaste
Na minha tela
Já tem moldura,
Já é cura,
Já me remiu.

Homem-da-lua

Você foi para a lua,
Nem avisou sua família,
Lá asfaltou até uma rua.
Mas que falta de consideração,
Sair da gravidade
E levar junto o coração,
Construir uma cidade
Fora de órbita,
Na lua inóspita.
Foi deixando suas pegadas
No solo lunar...
Sabe, vou construir um foguete
Para poder te visitar.
Prepara vários litros de café
Porque eu tenho muito para falar,
Tenho assunto até
A vida acabar
(Dizem que na lua se vive mais).

Segunda-feira

Levantei cedo,
Sem mais
Nem menos,
Fui ver os detalhes pequenos
Que sempre passam despercebidos
Toda segunda quando estão
Todos embebidos
De tédio.
Saem da cama,
Saem de prédios,
Mas esquecem de sair do coma.

Fotografia

Tanta gente
Vive o mesmo instante,
Talvez descrente
Do tempo restante,
Do dia seguinte,
Do retrato na estante
Expondo com requinte
Um momento distante,
Que foi congelado
E está condenado
A ser sempre recordado.

Ciclos

O sol se põe laranja aqui
E se vai pelo horizonte
Renascer em Pequim...
Lá, tão distante.

Como eu veria as estrelas
Se ele estivesse sempre aqui?
Por isso, não fecho as janelas
Quando anoitece em mim.

Divino recado

Teu silêncio

Não significa

Teu abandono.

Não precisas de bilhete

Dizendo "confia!"

Porque este novo dia

É teu recado.

Um tanto nublado,

Eu sei,

Mas não deixa

De ser recado dado.

Cruzeiro do sul

Ele é quem tem na pele o cruzeiro do sul.
É quem mostra através do seu tato
A urgência que tenho de sentir o azul,
E eu o sinto no nosso contato.

Ele é quem me alumia
Com a força dos seus pontos cardeais.
Ele é quem, mesmo durante o dia,
Me mostra os contrastes celestiais.

É ele quem se harmoniza
Entre as órbitas e abóbadas.
É ele quem sincroniza
As bússolas.

Ele talvez não sinta ser alguém assim
Com tanto do universo em si.
Quem mais poderia ser tanto?

⊕ Outra pedra no meio do caminho

A cada tropeço
prendo com alguma pedra
Algo novo sobre recomeço.

⊕ livro dos poentes

Um livro velho
Fechado na estante
E o poente vermelho
Pintando o horizonte.

Quantas páginas faltam,
Não se sabe.
Os dias acabam
Como história que não cabe
Em um só volume.

A noite cai
Bordada de vaga-lume:
Uma página a menos ou a mais?

Sobre a autora

Caroline Marinho nasceu no estado da Paraíba, em 1998. É licenciada (2020) e mestra (2023) em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Atua como professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação. Caroline descobriu, ainda na adolescência, o gosto por leitura e escrita. “Poeira pueril” é o seu primeiro livro, fruto dessa descoberta.



Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB em 2023,
utilizando a fonte Barlow.

